

# Azul Revelado: diálogos entre cianotipia, processos criativos e aprendizagem

Revealed Blue: dialogues between cyanotype, creative processes and learning

Azul Revelado: diálogos entre cianotipia, procesos creativos y aprendizaje

**Andiara Leal Lourenco (Colégio Dom Pedro II-Brasil) <sup>1</sup>**

**Francisco Roberto Pinto Mattos (Colégio Dom Pedro II-Brasil) <sup>2</sup>**

1 Professora, pesquisadora, fotógrafa e artista visual. Atua na área dos processos fotográficos históricos, especialmente a cianotipia. Mestranda no MPPEB/PROPGPEC - Colégio Pedro II. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4047161619093971> ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1646-9033> e-mail: [andiara.lourenco@gmail.com](mailto:andiara.lourenco@gmail.com)

2 Doutor em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – COPPE. Professor titular da carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - Colégio Pedro II onde atua como docente no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8464545232413599> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3760-4636> e-mail: [francisco.mattos@gmail.com](mailto:francisco.mattos@gmail.com)

## RESUMO

Este relato apresenta a experiência de utilizar a cianotipia como ferramenta pedagógica alternativa no ensino de artes visuais, explorando seu potencial para favorecer o processo criativo e ampliar as possibilidades expressivas dos alunos. A proposta foi desenvolvida no contexto de um Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, articulando arte, ciência e natureza de forma poética e experimental. A experiência ocorreu em duas etapas: a aplicação de um Produto Educacional, centrado na temática da identidade, e uma oficina inspirada na trajetória da botânica Anna Atkins (1799–1871), pioneira da fotografia. Os resultados apontam que a cianotipia, ao unir o rigor científico ao fazer artístico, estimula a curiosidade, a sensibilidade e a autonomia dos estudantes. A técnica revelou-se não apenas um conteúdo a ser ensinado, mas uma forma de pensar e vivenciar a arte de maneira significativa, transformando a luz, o tempo e o olhar em linguagem, criação e aprendizagem.

## PALAVRAS-CHAVE

Cianotipia; Ensino de Artes Visuais; Anna Atkins; Educação Básica; Processo Criativo.

## ABSTRACT

This report presents the experience of using cyanotype as an alternative pedagogical tool in Visual Arts education, exploring its potential to enhance the creative process and expand students' expressive possibilities. The proposal was developed within a Professional Master's Program in Basic Education Practices, integrating art, science, and nature in a poetic and experimental way. The experience unfolded in two stages: the implementation of an educational product focused on the theme of identity, and a workshop inspired by the trajectory of botanist Anna Atkins (1799–1871), a pioneer of photography. The results show that cyanotype, by combining scientific investigation with artistic expression, stimulates students' curiosity, sensitivity, and autonomy. The technique proved to be more than a subject to be taught—it became a way of thinking and experiencing art meaningfully, transforming light, time, and observation into language, creation, and learning.

## KEY-WORDS

Cyanotype; Visual Arts Education; Anna Atkins; Basic Education; Creative Process.

**RESUMEN**

Este relato presenta la experiencia de utilizar la cianotipia como herramienta pedagógica alternativa en la enseñanza de Artes Visuales, explorando su potencial para favorecer el proceso creativo y ampliar las posibilidades expresivas de los estudiantes. La propuesta se desarrolló en el marco de un Máster Profesional en Prácticas de Educación Básica, articulando arte, ciencia y naturaleza de forma poética y experimental. La experiencia se dividió en dos etapas: la aplicación de un producto educativo centrado en el tema de la identidad, y un taller inspirado en la trayectoria de la botánica Anna Atkins (1799–1871), pionera de la fotografía. Los resultados evidencian que la cianotipia, al unir el rigor científico con la práctica artística, estimula la curiosidad, la sensibilidad y la autonomía de los alumnos. La técnica se reveló no solo como contenido de enseñanza, sino como una forma de pensar y vivir el arte de manera significativa, transformando la luz, el tiempo y la mirada en lenguaje, creación y aprendizaje.

**PALABRAS-CLAVE**

Cianotipia; Enseñanza de las Artes Visuales; Anna Atkins; Educación Básica; Proceso Creativo.

## Entre criação e aprendizagem

Neste relato, compartilho a experiência de utilizar a cianotipia como ferramenta pedagógica alternativa no ensino de artes visuais, buscando compreender de que forma essa técnica pode favorecer o processo criativo e ampliar as possibilidades expressivas dos alunos. A proposta nasceu do desejo de explorar o diálogo entre arte, ciência e natureza, dimensões que a cianotipia integra de forma poética e experimental, estimulando a curiosidade, a imaginação e o fazer artístico em sala de aula.

A atividade foi desenvolvida no contexto da minha pesquisa de Mestrado Profissional intitulada “O Processo Criativo no Ensino de Artes Visuais: uma proposta de sequência didática a partir da cianotipia como catalisadora de ideias e experimentações”, vinculada ao Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II.

A experiência se desdobrou em dois momentos complementares. O primeiro consistiu na aplicação do Produto Educacional, momento em que busquei observar e registrar como os alunos vivenciavam o processo criativo e as descobertas que emergiam da experimentação. O segundo momento ocorreu posteriormente, por meio de uma oficina extensionista, que permitiu ampliar a experiência, culminando na realização de uma exposição em que os alunos apresentaram suas cianotipias botânicas à comunidade escolar.

As ações foram realizadas com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, no GET (Ginásio Educacional Tecnológico) Almirante Newton Braga de Faria, escola da rede pública municipal do Rio de Janeiro, localizada no bairro de Irajá, onde atuo como docente. Essa vivência me permitiu observar, de forma sensível e prática, como a arte pode abrir caminhos para o pensamento criativo e para novas formas de aprender e se expressar no ambiente educacional.

No primeiro momento, durante a aplicação do Produto Educacional, a cianotipia foi utilizada como recurso central dentro de uma proposta de Sequência Didática que desenvolvi com o tema “Identidade”. Nessa proposta, os alunos foram convidados a experimentar a técnica da cianotipia de maneira autoral, explorando elementos que representassem aspectos de quem são, suas histórias, afetos e modos de ver o mundo. A intenção era que cada composição funcionasse como um autorretrato simbólico, revelando traços de suas identidades.

No segundo momento, já durante a oficina, a cianotipia foi apresentada a partir da história de Anna Atkins, reconhecida como uma das pioneiras na utilização dessa técnica fotográfica. A atividade foi pensada como uma homenagem à contribuição de Atkins, e, por isso, teve como foco a cianotipia botânica. Os alunos puderam observar e registrar elementos da natureza, explorando as relações entre arte, ciência e memória.

Ambas as experiências permitiram compreender como a cianotipia, ao articular criatividade, investigação e expressão pessoal, se revela um recurso pedagógico

potente. As observações feitas evidenciam seu potencial de aproximar os alunos da prática artística de maneira significativa, despertando sensibilidade, autonomia e prazer pelo aprender. Dessa vivência, emerge a possibilidade de refletir sobre a cianotipia não apenas como técnica fotográfica histórica, mas como ferramenta que se entrelaça ao processo educativo, abrindo caminho para a análise a seguir.

## **A cianotipia como poética da luz e ferramenta pedagógica**

A escolha pela cianotipia como linguagem expressiva e educativa nasceu de um movimento que entrelaça minha trajetória artística e docente, marcada pela busca de experiências que unissem sensibilidade, curiosidade e experimentação. Desde 2019, venho pesquisando e produzindo obras com essa técnica, que se revelou um campo fértil para o ensino de artes visuais, justamente por integrar arte e ciência de maneira poética. Em um contexto educacional dominado pela imagem digital e pela produção imediata, revisitar um processo fotográfico histórico como a cianotipia é revisitar também o tempo: o tempo da observação, da espera e do encantamento com o próprio ato de ver.

Desenvolvida por John Herschel em 1842, a técnica baseia-se na combinação de dois sais de ferro sensíveis à luz ultravioleta — o citrato férrico amoniacal e o ferricianeto de potássio — que resultam na tonalidade azul característica do pigmento azul da Prússia, conforme Ware (2020). Mais do que um simples procedimento químico, a cianotipia simboliza o encontro entre o olhar científico e a sensibilidade estética, permitindo que a luz se torne mediadora entre o visível e o invisível. No contexto escolar, essa relação oferece uma metáfora para o ensino de arte, pois requer tempo, cuidado e observação, os mesmos elementos que estruturam o processo criativo e o aprendizado significativo.

Ao trazer a cianotipia para o ensino de artes visuais, meu propósito era criar experiências de aprendizagem que fossem além da simples execução técnica. Queria que os alunos se envolvessem de forma ativa no processo criador, construindo conhecimento a partir de suas próprias descobertas, memórias e percepções. Essa proposta se fundamenta nas ideias de Ausubel, Novak e Hanesian (1980), que afirmam que a aprendizagem significativa acontece quando uma nova informação se conecta de maneira substancial ao que o aluno já sabe. Em outras palavras, o aprendizado nasce do diálogo entre o novo e o vivido, não é algo transmitido, mas reconstruído pelo sujeito a partir de suas experiências e afetos.

Compreendo, assim como Zabala (2014) e Lima e Silva (2015), que o papel do professor é o de organizar situações de aprendizagem capazes de aproximar o conhecimento da realidade dos estudantes. Nesse sentido, mais do que orientar, o professor constrói ambientes que acolhem a liberdade de explorar, errar, experimentar e dar sentido às experiências.

A função do ensino de Artes é explorar e desenvolver as habilidades e capacidades do aluno. O educador que possibilita uma educação significativa, além de levá-los às suas descobertas e a uma mudança de postura frente à arte, torna o educando mais sensível, espontâneo e criativo (Lima e Silva, 2015, p. 92).

Essa perspectiva encontra eco em Lowenfeld e Brittain (1977, p. 78) ao destacarem que, embora a expressão artística parta do aluno, cabe ao professor oferecer condições que favoreçam a criatividade, a liberdade de experimentação e a expressão pessoal. De forma integrada, percebe-se que o ensino deixa de ser um caminho linear e passa a se configurar como um processo relacional e reflexivo.

Ao planejar as atividades, procurei criar momentos em que a técnica da cianotipia se tornasse um percurso de exploração, e não apenas uma sequência de etapas a seguir. Relacionar a cianotipia a temas como identidade ou à observação das plantas do entorno da escola possibilitou que os alunos a experimentassem de forma autoral, compreendendo que aprender é também um ato de olhar o mundo de outro modo.

Da coleta dos elementos naturais à revelação da imagem, tudo se tornava oportunidade de investigação, de observação e de encantamento. O contato com a luz, o tempo e a materialidade despertavam curiosidade e permitiam que as crianças elaborassem hipóteses, observassem transformações e construíssem explicações próprias, unindo o pensamento artístico ao científico.

Essa integração entre fazer, compreender e sentir criou um ambiente propício ao desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico. A cianotipia, com seu ritmo lento e resultados muitas vezes imprevisíveis, ensina sobre o valor do tempo, da observação e do acaso, convidando-nos a reconhecer que o erro também faz parte do processo criativo e que o aprendizado verdadeiro nasce da experimentação e da sensibilidade. A cada nova experiência, tornava-se evidente que a cianotipia ultrapassava o caráter técnico e assumia um papel simbólico dentro do processo, transformando-se em um espaço de encontro entre o saber sensível e o científico, entre a observação e a criação.

Nesse percurso, compreendi que falar da cianotipia é também evocar a história e a memória daquela que transformou o olhar sobre a imagem e o conhecimento. Anna Atkins (1799–1871) tornou-se uma referência inspiradora. Em pleno século XIX, quando o acesso das mulheres à educação científica era limitado, Atkins rompeu fronteiras ao unir arte e ciência por meio da cianotipia, utilizando-a como método de catalogação botânica. Com isso, tornou-se a primeira fotógrafa e autora do primeiro livro fotográfico da história — *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions*<sup>3</sup>.

Sua trajetória representa muito mais do que um marco técnico: ela simboliza o poder da curiosidade, da experimentação e da sensibilidade como caminhos de emancipação intelectual e estética. Atkins encontrou na botânica, na arte e na fotografia uma forma de expressão e resistência, transformando o gesto científico em um ato poético e libertador.

---

3 Para saber mais acesse: <https://digitalcollections.nypl.org/collections/28d304b0-c612-012f-cd39-58d385a7bc34>

Inspirada por sua obra e por seu gesto de transformar algas em poesia visual, como observa Katz (2017), ao destacar o potencial da luz para expressar não apenas a forma, mas também a delicadeza e a presença do efêmero, busquei na execução da oficina, não apenas resgatar sua memória e sua técnica, mas também inspirar meus alunos a reconhecer o papel das mulheres na história da arte e da ciência, ainda tantas vezes invisibilizado.

A proposta de trazer Anna Atkins para o contexto da oficina tinha como objetivo aproximar os estudantes de uma história que une ciência, imaginação, sensibilidade e conhecimento. Quis mostrar que a arte pode, sim, ser um campo formativo e crítico, como afirma Barbosa (2014), ao defender um ensino de arte capaz de formar sujeitos sensíveis, criativos e aptos a ler e interpretar o mundo a partir de suas próprias experiências.

Cada etapa do trabalho revelou nuances do aprender e do criar, aproximando alunos e professora em um diálogo constante de descobertas, escuta e encantamento. A prática cotidiana mostrou que ensinar arte é também aprender com o outro, reconhecer o valor do processo e acolher o inesperado que nasce da experimentação. Nesse contexto, a cianotipia revelou-se não apenas como técnica, mas como uma experiência sensível de construção de significados.

Como afirma Jesus (2011),

[a] visão desterritorializada que a cianotipia permite experimentar proporciona a alunos e professores diferentes modos de interpretação a partir de pontos de vista diversos, enformados pela experiência de cada um, favorecendo deste modo uma tomada de consciência do sujeito sobre si próprio e sobre a realidade em que se movimenta (Jesus, 2011, p. 104).

Assim, a luz, o tempo, a memória e o olhar se transformaram em linguagem e aprendizagem, revelando que, tal como na cianotipia, o conhecimento também precisa de tempo, paciência e sensibilidade para emergir plenamente. Dessa vivência compartilhada surgiram os resultados que apresento neste relato.

## **O Lápis Azul da Natureza: o Produto Educacional e seus resultados**

### **Aula 1 – Entendendo a Identidade**

Iniciamos nossos encontros conversando sobre o conceito de identidade, buscando compreender o que essa palavra significava para cada um. Pedi que os alunos compartilhassem suas ideias, lembranças e percepções, abrindo espaço para que falassem sobre quem são, de onde vêm e o que os representa. As respostas surgiram de forma espontânea, algumas cheias de curiosidade, outras marcadas por afetos e experiências pessoais.

Aproveitei esse momento de troca para apresentar alguns artistas que exploram a temática da identidade em suas obras, mostrando como ela pode se expressar de

maneiras diversas, pela pintura, pela fotografia ou pela performance. Falamos sobre Frida Kahlo, Kehinde Wiley, Ayrson Heráclito, Os Gêmeos, Tarsila do Amaral, Rosana Paulino, Cândido Portinari, Victor Fidelis, Moara Tupinambá e Domitila de Paulo. As imagens e histórias desses artistas despertaram curiosidade e encantamento, ajudando os alunos a perceber que a arte também é um espelho, um lugar onde é possível se reconhecer e, ao mesmo tempo, descobrir o outro.



Fig. 1. A autora, Discussão sobre identidade e autorrepresentação, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

## Aula 2 – O que é Cianotipia?

No nosso segundo encontro, retomamos o tema da identidade, buscando compreender de que maneira a cianotipia poderia ser utilizada para contar histórias sobre quem somos. A curiosidade dos alunos era evidente, muitos se intrigavam com o fato da luz poder gerar uma imagem. Aproveitei esse interesse para contar a história da técnica, explicar seu funcionamento, quem a desenvolveu e o motivo de sua coloração azul tão singular.

Em seguida, apresentei alguns artistas contemporâneos que exploram a cianotipia em seus trabalhos, entre eles a artista equatoriana Tatiana Lopez, cuja produção estabelece um diálogo poético entre o processo fotográfico e a identidade indígena. A conversa se transformou em um momento de troca e descoberta coletiva, ampliando o olhar dos alunos sobre as possibilidades expressivas da fotografia e da arte.

Para aproximá-los ainda mais desse universo, levei para a sala alguns equipamentos fotográficos analógicos: câmera, rolo de filme, monóculos e fotografias impressas. Como todos nasceram na era digital, a maioria nunca havia tido contato com esses objetos. O interesse foi imediato: explorar cada detalhe, olhar pelo visor, compreender o que cada imagem exigia para se formar. A atividade se tornou um convite à observação e à escuta do tempo, conectando o passado da fotografia ao presente da experiência em sala de aula.



Fig. 2. A autora, Cianotipia, identidade e fotografia analógica, 2025. Fotografias digitais, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Inclui obra de Tatiana Lopez: s.t., 2021, cianotipia e bordado, Projeto visual: Entre Sonhos, a Floresta Ecoa o Canto da Anaconda em Chamas. Fonte: Elaborada pela autora (2025), com base em Lopez (2021).

### Aula 3 – Arte e Tecnologia: criando negativo digital

Nesse encontro, nos aprofundamos na técnica da cianotipia, explorando as diferenças entre as imagens fotográficas e os fotogramas. A conversa despertou muitas curiosidades, os alunos queriam entender como a luz, o tempo e os materiais se combinavam para formar uma imagem. Falamos também sobre como a tecnologia pode se associar à arte hoje, ampliando possibilidades e facilitando o processo criativo.

Como desenvolvo meu trabalho em um espaço maker, o Colaboratório, aproveitei a oportunidade para introduzir uma nova etapa da experiência. Propus aos alunos a criação de um negativo digital, utilizando um aplicativo de edição de imagens (GIMP), e expliquei como essa ferramenta poderia ampliar as possibilidades de experimentação com a cianotipia.



Fig. 3. A autora, Apreciação de cianotipias e criação de negativos digitais, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

### Aula 4 – Composição visual

Chegou a vez de preparar os químicos e sensibilizar os papéis, etapa de muita expectativa. Enquanto os papeis secavam, cada aluno começou a esboçar suas composições, dando forma às ideias que vinham amadurecendo ao longo dos encontros. A maioria optou por desenhar e, em seguida, transformar seus desenhos em negativos digitais. Uma aluna escolheu trabalhar com uma imagem fotográfica; outra experimentou o uso da escrita digital, que mais tarde converteu em negativo; houve também quem mesclasse texto e desenho, e até quem aprimorasse o próprio desenho utilizando uma ferramenta de inteligência artificial antes de transformá-lo em negativo. As ideias surgiam com espontaneidade, revelando diferentes modos de criar e de se expressar. Cada processo era um reflexo singular do olhar de quem o produzia.

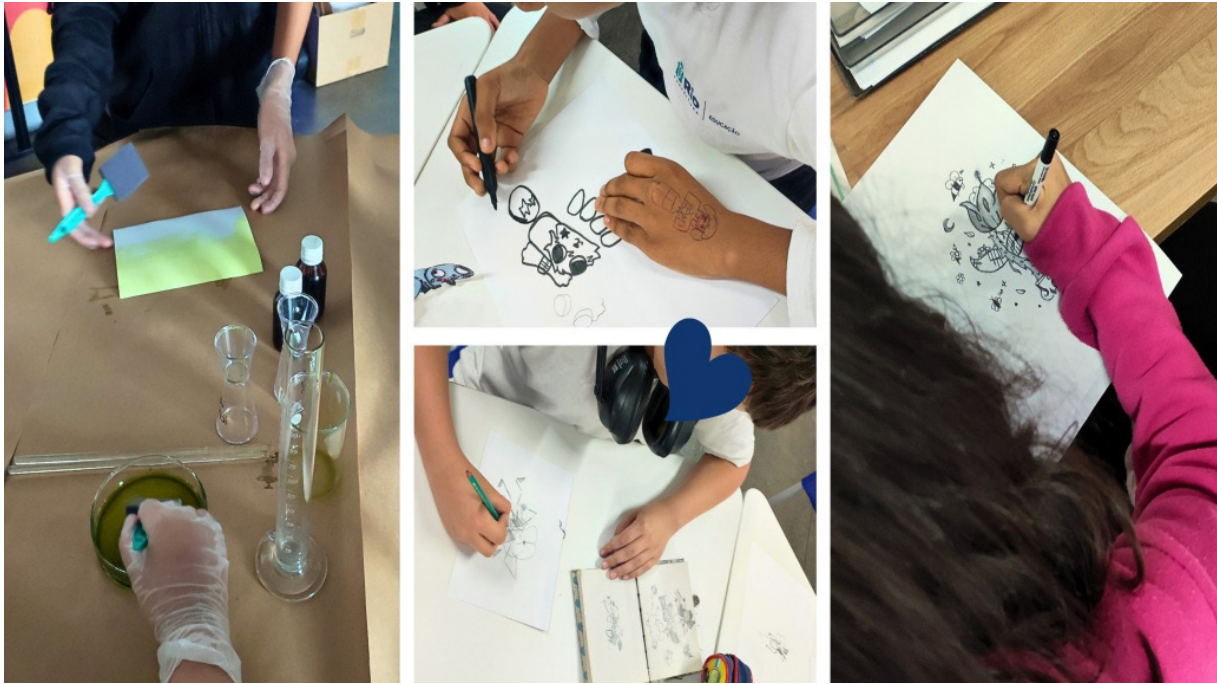


Fig. 4. A autora, Sensibilização dos papéis e criação das composições visuais, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

## Aula 5 – Compendo em cianotipia

Enfim, o momento mais esperado havia chegado: a hora de expor os papéis à luz ultravioleta. A intenção inicial era realizar esse processo sob o sol, deixando que a própria natureza participasse da revelação. No entanto, o tempo chuvoso daquele dia nos levou a adaptar a experiência, utilizando luz UV artificial. Ainda assim, nada se perdeu, a atmosfera de expectativa permanecia no ar.

Enquanto as imagens começavam a se revelar lentamente, um azul profundo surgia diante dos olhos atentos das crianças. Foi impossível não se emocionar. Cada rosto refletia surpresa, curiosidade e uma alegria genuína diante daquilo que, até então, parecia quase mágico. Acompanhar esse instante foi uma das experiências mais marcantes de todo o percurso.



Fig. 5. A autora, Exposição à luz ultravioleta e revelação das cianotipias, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

## Aula 6 - Reflexões que revelam

Em nosso último encontro, os alunos tiveram a oportunidade de finalizar suas cianotipias, dando forma às ideias que haviam amadurecido ao longo do processo. As mesas se encheram de cores, texturas e experimentações: houve quem recorresse à aquarela, quem preferisse colar miçangas, bordar, pintar com hidrocor ou construir um boneco articulado. Cada trabalho revelava um pouco de quem eram, fragmentos de suas histórias, afetos e modos singulares de ver o mundo. Em cada composição era possível perceber traços de uma identidade em construção, mas que se manifestavam de maneira genuína e poética.



Fig. 6. A autora, Finalização e personalização das cianotipias, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

## Ode a Anna Atkins: uma oficina de cianotipia botânica

A oficina foi desenvolvida ao longo de cinco encontros teóricos e práticos e culminou em uma exposição coletiva produzida pelas crianças. Os encontros foram estruturados para articular a história da fotografia, os processos fotográficos e a experimentação, tomando a obra de Anna Atkins como referência principal. Nesse percurso, busquei criar um ambiente em que as crianças pudessem vivenciar a cianotipia como experiência estética, científica e sensível, aproximando-se da luz, do tempo e da própria natureza por meio do fazer artístico.

No primeiro encontro, propus uma contextualização histórica que funcionasse como porta de entrada para o universo da imagem. Iniciamos nossa conversa retomando aspectos da história da fotografia e explorando equipamentos analógicos, gesto que já havia mobilizado o interesse do outro grupo de estudantes durante a aplicação do Produto Educacional; o momento se tornou uma descoberta silenciosa e curiosa. Em seguida, apresentei a história da cianotipia e a trajetória de Anna Atkins, destacada como inspiração que guiou toda a oficina. Sua delicada relação com a botânica foi apresentada como ponto de partida para o trabalho que desenvolveríamos, reforçando a importância de revisitar histórias que unem arte, ciência e memória.



Fig. 7. A autora, Introdução à fotografia, à cianotipia e à trajetória de Anna Atkins, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

O segundo encontro marcou o início da prática. Enquanto eu preparava os químicos para a sensibilização dos papéis, os alunos organizavam as plantas coletadas no entorno da escola, observando formas, texturas e coloração. Os ensinei a emulsionar o papel, experimentando movimentos distintos: a pincelada convencional, o uso de fita adesiva para marcar margens regulares e até a técnica de splash, que permitiu explorar resultados mais espontâneos. Cada gesto carregava uma intenção, e cada superfície revelava possibilidades que só se tornariam visíveis mais tarde, sob a ação da luz.



Fig. 8. A autora, Preparação dos químicos e sensibilização dos papéis, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

O terceiro encontro foi dedicado à composição. As crianças posicionaram cuidadosamente as plantas sobre os papéis sensibilizados. A exposição à luz UV artificial — realizada devido a condições climáticas não favoráveis — não diminuiu a expectativa. Aos poucos, a imagem começava a emergir; o que antes era um verde-amarelado cedia lugar a um azul acinzentado e que, ao tocar a água, se transformava em um azul profundo. A revelação foi acompanhada com encantamento: havia algo de mágico no modo como a água revelava aquilo que antes era apenas gesto e intenção.



Fig. 9. A autora, Composição, exposição à luz UV e revelação das cianotipias, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

No quarto e quinto encontros, nos dedicamos às etapas de finalização e preparação da exposição. Com hidrocor, caneta metálica e aquarela, os alunos ampliaram as narrativas visuais de suas cianotipias, conferindo cor, brilho e detalhes às impressões botânicas. Alguns optaram por intervenções delicadas; outros criaram composições mais vibrantes, e cada trabalho parecia carregar um fragmento de quem o produziu. Paralelamente, aproveitamos esse momento para definir o espaço expositivo e organizar a montagem da nossa exposição, articulando as produções de maneira que dialogassem entre si e com o ambiente escolar.



Fig. 10. A autora, Intervenções artísticas nas cianotipias e montagem da exposição, 2025. Fotografia digital, dimensões variáveis, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A exposição final, intitulada “O Jardim Azul: uma exposição de cianotipia botânica em homenagem a Anna Atkins”, foi instalada no jardim da escola, onde permaneceu aberta à visita ao longo de uma semana. O espaço, preenchido por azuis intensos, transformou-se em um convite à fruição estética e ao diálogo. Alunos de outras turmas, professores, famílias e funcionários se aproximaram das obras com curiosidade e sensibilidade, e as crianças participantes da oficina assumiram espontaneamente o papel de mediadoras, explicando quem foi Anna Atkins e sua relevância para a fotografia e a botânica, descrevendo o processo da cianotipia, compartilhando curiosidades e relatando suas próprias experiências.

A culminância da oficina teve excelente repercussão. A mostra revelou o potencial expressivo dos alunos e celebrou o encontro entre natureza, arte e memória histórica. Ao mesmo tempo, possibilitou uma vivência coletiva que mobilizou sensibilidade, pertencimento e reconhecimento. A homenagem a Anna Atkins foi amplamente valorizada pela comunidade escolar, destacando a importância de recuperar trajetórias femininas que, embora marcantes, tantas vezes permanecem invisibilizadas. A experiência reafirmou que a cianotipia, para além de uma técnica, é um campo simbólico de criação, um espaço em que luz, tempo e afeto se entrelaçam e se transformam em aprendizagem.

## Considerações finais

O percurso desenvolvido ao longo do projeto permitiu observar como a cianotipia pode ampliar a relação dos estudantes com a criação artística, estimulando formas de aprender que valorizam o olhar atento, a experimentação e o encantamento pelo processo. Trabalhar com uma técnica histórica fez com que as crianças percebessem a imagem como resultado de escolhas e descobertas, e não apenas como um produto final.

Ao integrar arte, natureza e princípios científicos, as propostas realizadas, tanto no Produto Educacional quanto na oficina, favoreceram uma aprendizagem que se constrói na investigação e no diálogo com o mundo sensível. Cada etapa vivenciada convocou os alunos a testar hipóteses, comparar efeitos, reorganizar ideias e produzir sentidos a partir de suas próprias experiências.

Trazer a trajetória de Anna Atkins para o centro da prática foi outro elemento decisivo, pois ampliou o repertório dos estudantes e introduziu uma reflexão sobre histórias invisibilizadas na arte e na ciência. Essa aproximação permitiu compreender a fotografia como campo cultural e histórico, e não apenas como procedimento técnico, além de valorizar as contribuições de mulheres cuja presença costuma ser pouco reconhecida.

O momento expositivo, por sua vez, fortaleceu o caráter coletivo e comunicativo da experiência. Ver seus trabalhos ocupando o espaço da escola fez com que as crianças se percebessem como produtoras de cultura e como sujeitos capazes de dialogar com a comunidade por meio de suas criações. As interações geradas durante a mostra revelaram pertencimento, entusiasmo e um sentimento de autoria que extrapolou a prática em sala de aula.

Em conjunto, todos esses desdobramentos reafirmam a força de práticas pedagógicas que articulam experimentação, sensibilidade e reflexão. A cianotipia mostrou-se uma proposta que promove autonomia, imaginação e construção de significados, ao mesmo tempo em que expande as referências estéticas e a compreensão dos estudantes sobre o fazer artístico.

Assim, torna-se evidente que ensinar arte ganha novas camadas quando o processo criativo é vivido como investigação e descoberta. Que experiências como esta continuem impulsionando outros modos de aprender, convidando alunos e professores a explorar caminhos poéticos, curiosos e inventivos dentro do ambiente escolar.

## Referências

AUSBEL, P. D.; NOVAK, J.; HANESIHN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

JESUS, Joaquim. **O lugar do olhar: a cianotipia no ensino em artes visuais**. 1. ed. Porto: U.Porto, 2011.

KATZ, Brigit. How the First Female Photographer Changed the Way the World Sees Algae. **Smithsonian Magazine**, 2017. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/photo-book-first-female-photographer-go-display-180963479/>> Acesso em: 31 out. 2025.

LIMA, L. M.; SILVA, F. G. Pelo exercício da criatividade: uma análise das estratégias de ensino de Artes para surdos. **Revista Fórum**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 87–101, 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/1573>> Acesso em: 12 mar. 2025.

LOPEZ, Tatiana. S.t., 2021. **Cianotipia e bordado. Projeto visual: Entre Sonhos, a Floresta Ecoa o Canto da Anaconda em Chamas**. Disponível em: <<https://www.tatianaopez.space/>> Acesso em: 8 nov. 2025.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

WARE, Mike. Cyanomicon. **History, Science and Art of Cyanotype: Photographic Printing in Prussian Blue**. 3.ed. Buxton. 2020. Disponível em: <<https://www.mikeware.co.uk/mikeware/downloads.html>> Acesso em: 10 abr. 2024.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2014.

**Submissão:** 15/10/2025

**Aprovação:** 01/05/2025